

com acêrto que o espectador perfeito de qualquer obra de arte é aquele que tem consciência simultâneamente do drama nela representado e das condições técnicas da sua representação. Ora, pèrante obras de épocas passadas, como vamos considerar *espectadar perfeito*, de posse de tôdas as riquezas artísticas que nelas possamos encontrar, aquêle que desconheça o ambiente social de que emergiu o drama e através do qual se definiram os meios técnicos? Como poderemos nós reconhecer a beleza imorredoirá das catedrais góticas, se as não compreendermos como um sonho legado por certa época histórica que nelas figurou uma expressão sublime das suas angústias e misérias?

Não admira que o nosso camponês inculto olhe muitas vezes as suas pedras sem qualquer emotividade artística. A visão *artística* da arte de épocas passadas exige como substractum uma visão histórica — de história viva e não de «bric à brac» ou grandes especializações.

De resto, porque não invertemos a ordem dos factores? Se a eternidade das obras de arte se devesse entender como a sua acessibilidade aos homens de todos os tempos e todos os lugares, não só os que vivessem em idades posteriores compreenderiam a arte das épocas anteriores mas, inversamente, aqueles povos que vivessem em idades históricas inferiores da humanidade seriam capazes de viver a arte dos artistas de povos mais evoluídos.

Ora, peguemos em Marcel Proust, em Wilde, em Picasso, etc., levemo-los ou mostremo-los a qualquer selvagem da Polinésia, integrado num complexo de civilização inferior ao nosso, e veremos a que fica reduzida a concepção da arte eterna (no sentido que Régio dá a esta expressão) ante a incompreensão dêsse *homem doutro tempo*, por mais *culto* que êle seja, dentro da cultura própria ao seu tipo rudimentar de civilização.

Entendemos portanto que só pode falar em eternidade da arte num sentido não rigoroso da palavra *eternidade*. Compreendemo-la como um marco de beleza deixado pelas várias épocas *aos vindouros*, a assinalar um progresso no crescimento espiritual do homem ao longo do seu caminho histórico, através da criação de meios adornados de expressão e do enriquecimento da sensibilidade.

O que nos separa ainda de José Régio é o seu conceito restritamente *psicologista* do homem. Reduz a *experiência humana* a instintos, impressões, emoções, sentimentos ou idéas (pág. 24) e cai assim num idealismo cuja deficiência essencial é encarar o homem em abstracto, isoladamente das suas condições materiais de vida, do mundo de relações em que a sua acção, formação e reacções (portanto êsses *instintos, impressões, etc.*) necessariamente se inserem.

No entanto, nada disto invalida que estejamos de acôrdo com o esquema que serve de base ao desenvolvimento do assunto focado por êste ensaio, dentro dos limites prèviamente apontados-

F. R.